

Segregação e exclusão em bairros periféricos no capitalismo mundial

Sandra Leila de Paula¹

Resumo

Estas reflexões são fruto de um trabalho de pós-doutorado que se propôs a um estudo comparativo acerca das relações centro/periferia nas cidades de Ribeirão Preto (Brasil) e do Porto (Portugal), em espaços sociais periféricos e violentos: o bairro periférico do Ipiranga (Ribeirão Preto) e o bairro social do Lagarteiro (Porto). Foram utilizados os referenciais teóricos de Robert Kurz, Pierre Bordieu e Milton Santos na análise dos espaços sociais de exclusão, com o intuito de compreender a organização desses espaços, suas características e imbricações, identidades e diversidades, especificidades e generalidades, além de suas relações e seus espaços específicos, de maneira a apreender seus cotidianos de modo mais aproximado e qualitativo (aprofundado) possível, abarcando a organização desses espaços econômicos, sociais e culturais internos, bem como a dinâmica interna ampliada entre centro e periferia do capitalismo mundial. Para tal, uma pesquisa empírica foi realizada em ambos os espaços com a utilização de dados quantitativos coletados em relatórios portugueses, em dados da Secretaria do Bem Estar Social, no Brasil, e do Serviço de Ação Social, em Portugal, entrevistas com moradores e coleta de material iconográfico nos bairros trabalhados.

Palavras-chave

Periferia. Segregação. Exclusão. Diversidade. Capitalismo.

1. Pós-doutora em Sociologia pela Universidade de Porto (Portugal), professora na Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: sandraleila@uol.com.br.

Segregation and exclusion in peripheral social spaces in global capitalism

Sandra Leila de Paula*

Abstract

These reflections are the result of a post-doctoral work that concerns a comparative study about the relations downtown/periphery in Ribeirão Preto (Brazil) and Porto (Portugal), in peripherals and violent social spaces: the outlying district of Ipiranga (Ribeirão Preto) and the neighborhood's social named Lagarteiro (Porto). The theoretical framework used was Robert Kurz, Pierre Bourdieu and Milton Santos in the spaces analysis of exclusion, in order to understand the organization of these spaces, their characteristics and overlapping, identities and diversities, specificities and generalities in their relations and specific spaces in order to understand the routine in a more approximate way and qualitative (deep) as possible, covering the organization of economic spaces, internal social and cultural as well as its internal dynamics/expanded; between center and periphery of world capitalism. For this result, a research was conducted in two areas, with the use of quantitative data collected in Portuguese reports, data from the Department of Social Welfare, in Brazil, and the Office of Social Action, in Portugal, interviews with residents and collection of iconographic material worked in the neighborhoods.

Keywords

Outskirts. Segregation. Exclusion. Diversity. Capitalism.

* Post-doctor in Sociology at the University of Porto (Portugal), professor in the Social Science Faculty at the Federal University of Uberlândia. E-mail: sandraleila@uol.com.br

Introdução

Para este trabalho, tomamos o capitalismo e suas variadas formas de expressão como decorrentes da mesma ordem: a dominação política e a exploração econômica de um grupo social sobre os demais. No entanto, enquanto sistema mundial de exploração econômica e dominação política, a sociedade produtora de mercadorias (KURZ, 1992) se faz em meio a contradições, confrontos, conflitos entre classes, grupos, etnias e gêneros que se reproduzem entre os mais diversos espaços sociais e de formas variadas.

Embora o sistema mundial seja composto por um mosaico de diversidades que, de acordo com cada espaço social em que se instala, carrega consigo as expressões da cultura, dos valores, da ética e dos costumes, a história de constituição do povo compõe-se de modo diferente, específico e peculiar, não somente em suas relações internas, mas na totalidade do sistema, apesar desse povo – que o construiu e que o coabita em cada espaço em suas relações econômicas, políticas, culturais e ideológicas – seguir a regra fundamental da produção, da reprodução e da ampliação do capital, sob a dominação de determinada classe social.

Nessa lógica, as relações se estabelecem entre sujeitos, entre classes e entre diversas sociedades. Da mesma forma que os sujeitos estabelecem relações de sujeição no processo de trabalho, também, de forma ampliada, relações de sujeição entre classes são estabelecidas dentro das sociedades, assim como fora e entre elas, como, por exemplo, entre países de blocos econômicos e políticos distintos.

Isso significa que o sistema produtor de mercadorias possui uma dinâmica intra e interclasses em sociedades do mundo atual. Determinadas economias integradas fazem sobrepor seus interesses e suas regras em consonância com a lógica do sistema produtor de mercadorias e com as novas exigências do capital no mercado mundial. Em contraposição,

as sociedades menos integradas acabam por ser incapazes de atender a essas novas exigências e, assim, geram-se os conflitos, a violência, os bolsões de miséria por quase um terço do planeta.

No quadro internacional, enquanto Portugal integra a comunidade europeia, o Brasil integra o bloco dos países que mais crescem. Isso nos coloca em distintos blocos de desenvolvimento e poder político. Para Kurz (1992), na dinâmica do sistema produtor de mercadorias, caracterizado por uma relação entre vencedores e vencidos, integrados e excluídos nos mais variados níveis e de maneiras muito complexas e contraditórias,

[...] todas as sociedades, tanto as integradas quanto as incapazes de atender às novas exigências da atualidade, possuem suas classes e representantes, tanto do sistema produtor de mercadorias quanto dos sujeitos a ele (KURZ, 1992, p. 47).

Assim, dado a complexidade das relações mundiais, embora tenhamos posições distintas nos blocos econômicos e políticos, nas relações internas, reproduzimos essas relações. Não são todos os espaços, todos os sujeitos e todas as relações que se submetem simetricamente a essa dinâmica. Dentro de cada sociedade podemos encontrar a reprodução das relações entre as classes e entre integrados e excluídos com relação à dinâmica capitalista. Em todos os lugares, seja na Europa ou na América Latina, há exploração do trabalho, dominação entre as classes, contradição entre trabalho e não trabalho e entre integrados e excluídos que o próprio sistema gerou em sua dinâmica. Porém, ainda que integrantes de uma dinâmica mundial, cada sociedade se organiza e cria mecanismos próprios

para compreender o que se passa em lugares que, como os “conjuntos habitacionais” ou os “grandes conjuntos” e também numerosos estabelecimentos escolares, aproximam pessoas que tudo separa, obrigando-as

a coabitarem, seja na ignorância ou na incompreensão mútua, seja no conflito, latente ou declarado, com todos os sofrimentos que disso resultem, não basta dar razão de cada um dos pontos de vista tomados separadamente. É necessário também confrontá-los como eles o são na realidade, não para os relativizar, deixando jogar até o infinito o jogo das imagens cruzadas, mas, ao contrário, para fazer aparecer, pelo simples efeito da justaposição, o que resulta do confronto de visões de mundo diferentes ou antagônicas: isto é, em certos casos, o trágico que nasce do confronto sem concessão nem compromisso possível de pontos de vista incompatíveis, porque igualmente fundados em razão social (BORDIEU, 1997, p. 11).

Encontramos, então, espaços e sociedades calcados nas contradições de classe, trabalho e não trabalho, etnia, gerações, espaços sociais de inclusão e exclusão e toda uma multiplicidade de desacordos que caracterizam as nossas sociedades.

Neste sentido, aos excluídos que o próprio sistema gerou, percebemos diferentes alternativas nos diversos espaços sociais, inclusive a transgressão, a revolta e a violência.

Esta agressividade, sedimentada nos músculos, vai o colonizado manifestá-la primeiramente contra os seus. É o período em que os negros brigam entre si, e os policiais, os juizes de instrução se exasperam ante a assombrosa criminalidade norte-africana [...]. O homem colonizado liberta-se na e pela violência. Uma vez que nós e nossos semelhantes somos liquidados como cães, não nos resta senão utilizar todos os meios para restabelecermos nosso peso de homem (FANON, 1979, p. 35-55).

Violência que podemos assistir, em todas as partes do mundo, em maior ou menor escala, nos espaços sociais de exclusão, de modo a assustar toda a gente e, principalmente, a assombrar os blocos do poder.

A favela consagra a decisão biológica do colonizador de invadir custe o que custar e,

se necessário, pelas vias mais subterrâneas, a cidadela inimiga. O lumpem-proletariado, constituído e pesando todas as suas forças sobre a segurança da cidade, significa o apodrecimento irreversível, a gangrena instalada no coração do domínio [...] admitem a sua incapacidade de entrar na cidade de outro modo que não seja pela força da granada ou do revólver. Esses desempregados e esses sub-homens reabilitam-se diante deles mesmos e diante da história (FANON, 1979, p. 107).

Assim, as relações locais entre os sujeitos nesses espaços de exclusão são portadoras de uma lógica própria, específica do modo de vida de um determinado grupo, com características e singularidades, apesar de partir da grande estrutura. Exatamente por esse motivo, optamos por trabalhar dois *loci* que são, ao mesmo tempo, diferentes e semelhantes. Distintos na especificidade de cada país e na singularidade de cada grupo, mas aproximados em suas condições de espaço social de exclusão, apesar de estarem em diferentes blocos do capitalismo mundial.

Aparentemente o caos e a violência que se desencadeiam como parte do cotidiano vivenciado por essas populações constituem a dinâmica característica da exclusão nas sociedades dos países em desenvolvimento, em que uma parte da população vive abaixo da linha da pobreza, vivenciando a miséria, a falta de trabalho e de moradia, em condições mínimas de higiene e saúde básicas. "Sujeitos que reagem dentro do possível, uma vez que se encontram à margem do sistema produtor de mercadorias" (PAULA, 1994, p. 55).

Nesse quadro, vimos trabalhando com trabalhadores rurais, movimentos sociais no campo e na cidade, escolas, assentamentos e comunidade em geral que se enquadram no perfil dos grupos e dos espaços de pobreza e exclusão social.

O presente trabalho nasceu das reflexões que há muito vêm sendo realizadas por nós no âmbito das relações de trabalho, de gênero e nas relações

educativas no cotidiano dessas populações.

Assim, no sentido de avançarmos nessas reflexões, propomo-nos a conhecer, analisar, comparar e compreender as diferentes dinâmicas de constituição de espaços sociais urbanos e periféricos em uma grande cidade do Brasil (um bairro de Ribeirão Preto-SP) e uma de Portugal (o bairro do Lagarteiro na cidade do Porto), tentando compreendê-las tanto em suas dinâmicas internas – em suas relações e imbricações e em seus espaços de exclusão – quanto na sua dinâmica interno-externa.

A partir dos diferentes espaços periféricos, e a fim de pensar na diversidade de relações sociais e representações culturais, trabalharemos com um país central e um país periférico (na dinâmica da sociedade produtora de mercadorias) no intuito de, conforme Bourdieu (1997, p. 11-12)

confrontá-los como eles o são na realidade, não para relativizar, [...] mas, ao contrário para fazer aparecer, pelo simples efeito da justaposição, o que resulta no conflito de visões de mundo diferentes ou antagônicas [...] mostrar que os lugares ditos difíceis (como hoje o conjunto habitacional ou a escola) são, primeiramente difíceis de descrever e de pensar e que é preciso substituir as imagens simplistas e unilaterais (aquelas que a imprensa sobretudo veicula), por uma representação complexa e múltipla, fundada na expressão das mesmas realidades em discursos diferentes, às vezes inconciliáveis abandonar o ponto de vista único, central, em proveito da pluralidade de suas perspectivas correspondendo à pluralidade de pontos de vista coexistente e às vezes diretamente concorrentes.

Entendemos que, para os fins desta pesquisa, trabalhar cotidianamente com famílias desses espaços de exclusão leva-nos à compreensão mais aproximada da dinâmica desses grupos.

Do processo de urbanização e industrialização decorreu uma nova divisão social do trabalho e das esferas de produção e reprodução social, o que gerou uma nova e diferente separação das esferas doméstica e

de trabalho, do espaço público e do privado e alterou as relações familiares e geracionais, principalmente, a predominância da família conjugal-nuclear ou, pelo menos, a predominância do seu ideário, a fim de atender às novas necessidades do capital.

Nas fases iniciais do capitalismo industrial, a predominância da esfera reprodutiva em função da produtiva sustentou a vida urbana e o capitalismo: homens e jovens adultos tornaram-se trabalhadores, enquanto as mulheres cuidavam do espaço doméstico, da família, dos filhos, enfim da reprodução social, em famílias conjugais-nucleares, porém, essa estrutura familiar, bem como as relações de produção foram se reorganizando, se reestruturando, na medida em que rápidas e inúmeras transformações se foram processando no universo da produção.

As inovações tecnológicas e científicas na produção e nas relações de produção do trabalho e do não trabalho também modificaram profundamente as relações e as estruturas familiares, o que nos levou a pensar que, por meio do entendimento dessas relações, poderíamos nos aproximar do *modus vivendi* característico desses espaços sociais.

Sabemos que, atualmente, o ideário de família conjugal-nuclear moderna tem convivido com novas formas/estruturas familiares. Com muita frequência e de forma significativa, encontramos famílias monoparentais, múltiplas, recompostas, alargadas, unipessoais, como alternativas de ajuste ou reajuste às novas exigências da sociedade global.

A fim de compreendermos não somente a dinâmica estrutural capitalista como também a pluralidade de relações e representações dos sujeitos envolvidos em seu cotidiano, em suas diferenças e semelhanças entre os dois universos em estudo, optamos por utilizar uma metodologia que privilegiasse os aspectos qualitativos da pesquisa. Não desconsideraremos os dados quantitativos, mas, ao contrário, levaremos em conta o que

os dados em quantidade nos revelam em consonância com os dados em profundidade que coletamos ao longo do nosso trabalho.

Para tanto, utilizamos a observação e o diário de campo, unidos a uma coleta fotos dos bairros e entornos, com a finalidade de apreender os espaços e suas relações cotidianas. Utilizamos também entrevistas abertas com famílias moradoras desses bairros, objetivando dar voz a essas pessoas, integrantes desses espaços sociais e, assim, compreendê-los em sua complexa dinâmica e profundidade.

Os critérios para escolha e análise de cidades e bairros

Analizamos as cidades do Porto (Portugal) e Ribeirão Preto (Brasil) por ocuparem uma posição significativa em seus países, em termos políticos, sociais e culturais. Escolhemos essas cidades porque são espaços importantes na Europa e na América do Sul (no caso brasileiro, a cidade de Ribeirão Preto é o maior centro agroindustrial do país). Além de essas cidades representarem polos do capitalismo mundial, suas características e diversidades sociais, culturais, políticas e econômicas revelam-nos tanto a dinâmica capitalista ampliada quanto um mosaico de diversidades que lhes dão uma identidade muito peculiar e instigante.

Além disso, a escolha de uma cidade europeia e outra sul-americana remete-nos a uma análise da dinâmica estrutural capitalista que, embora se pretenda global, mantém espaços centrais e periféricos com características próprias.

Assim, ao escolhermos esses espaços para pesquisa, optamos trabalhar com os bairros com maior índice de violência urbana em cada um dos espaços, já que não seria possível esgotar todo o universo pesquisado. Sabemos que existem estatísticas que apontam alguns espaços sociais como os mais violentos. Isso ocorre a partir de índices institucionais organizados pelos poderes municipais ou estaduais. Além de levar

em consideração esses índices e as características de violência urbana, trabalhamos com bairros periféricos que apresentam baixa renda familiar (três salários mínimos, nos dois casos).

No caso brasileiro, o que nos guiou na busca de dados referenciais de violência urbana nos bairros foram os dados registrados nas delegacias do município de Ribeirão Preto que, a partir das ocorrências policiais atendidas por essas instituições, identifica e classifica o índice de maior ou menor violência nos bairros da cidade, bem como a classificação disponível em institutos de pesquisa sobre renda, pobreza e violência.

No caso português, utilizamos dados estatísticos do Instituto Nacional de Estatística de Portugal (INE), da Junta da Freguesia de Campanhã, o Serviço de Ação Social e de inúmeros estudos já desenvolvidos no bairro.

Para a caracterização desses espaços, demos ênfase às observações sobre o espaço físico e a infraestrutura à disposição dessas populações. Trabalhamos no sentido de realizar um mapeamento desses espaços não só com o levantamento numérico, mas, principalmente, com a caracterização e a qualidade de instalações e instituições.

Fizemos o levantamento e a análise das instituições presentes nesses espaços (hospitais, escolas, atendimento médico etc.), das formas, das condições e da utilização de transporte e de espaços de lazer, bem como os tipos de residências (como são ocupadas e suas características), ao passo que compreendemos que a utilização, a caracterização e a modificação presentes nos espaços da cidade se dão como expressão desses espaços sociais, das relações que o permeiam e dos valores culturais que os caracterizam. Neste momento, a coleta de material iconográfico configura-se como relevante.

A população foi selecionada a partir de instituições como escolas e conjuntos habitacionais organizados pelos poderes municipais ou estaduais.

Ao investigarmos a organização dos

bairros sociais em Porto, entendemos que a Junta de Freguesia de Campanhã, que atende aos bairros sociais do Cerco e do Lagarteiro seria o melhor local para nossa incursão no espaço a ser pesquisado.

Também procuramos contatar o assistente social responsável pelo bairro do Lagarteiro e passamos a trabalhar junto dele. Todas as semanas o acompanhávamos no atendimento à população local (todas as terças e quartas à tarde), no intuito de conhecer o bairro, seus moradores, suas instalações, além de participarmos dos trabalhos de atendimento social às famílias. Dessa maneira, pudemos entrar em contato com moradores e famílias, além de conhecer as moradias e realizar as entrevistas.

No caso brasileiro, como o trabalho de assistência social é estruturado de forma diferente, os bairros são maiores e os serviços distintos, realizamos o contato com as famílias nas escolas, participando do trabalho das coordenadoras pedagógicas junto aos filhos dessas famílias.

Embora não sejam capitais, as duas cidades atendem a nossa preocupação em pensar a violência urbana em espaços centrais e periféricos do capitalismo mundial. Apesar do tamanho e das características diferentes e específicas, constituem-se como dois centros econômicos e políticos capitalistas de grande importância nacional em seus respectivos países e dispõem de espaços segregados de exclusão em sua dinâmica interna, o que atende aos critérios que possibilitam realizar uma análise comparativa.

Trabalhamos com diferentes categorias de famílias nos espaços de pesquisa por termos como finalidade a coleta de dados com adultos por meio de entrevistas. A observação de campo fez-se por meio da utilização de diário de campo. Os adultos das famílias também foram entrevistados a fim de obtermos dados em profundidade.

O material iconográfico coletado compõe-se por fotografias e imagens variadas do local e das pessoas (desde que não existisse

identificação, condição para utilização delas).

Análise dos dados

Começamos pelo bairro Ipiranga, em Ribeirão Preto, que, conforme exposto anteriormente, é um espaço marginal na capital do agronegócio. Nele, há espaços sociais que se cruzam e se entrecruzam na dinâmica do capital.

A região de Ribeirão Preto é uma das regiões mais desenvolvidas do país no setor agroindustrial e sucroalcooleiro. Essa região, além de abastecer grande parte do mercado interno com açúcar, álcool e biodiesel, exporta para várias partes do mundo a sua produção de frutas, extratos, sucos etc. Um dos grandes pólos de produção e aperfeiçoamento do biocombustível no país, é a região mais desenvolvida, produtiva e mais rica do país nesse setor, localizada no estado de São Paulo, locomotiva econômica brasileira.

Contraditoriamente, o bairro Ipiranga é um espaço de trabalhadores e não trabalhadores que se compõe, internamente, por pequenos espaços de pobreza e miséria (favelas) que convivem entre si.

Ao contrário do que se pensa, a malha rodoviária é muito eficiente, em função do transporte de trabalhadores para os locais em que se precisa deles. Pudemos constatar, no período da manhã, ônibus e vans abarrotados de empregadas domésticas indo trabalhar na região sul da cidade, nos condomínios de luxo que lá existem.

Foi possível observar também transporte rural para trabalhadores do corte de cana e linhas rodoviárias para as zonas de comércio da cidade repletas de trabalhadores; escolas e creches abrindo por volta das sete horas da manhã para abrigar crianças, filhas de trabalhadores; trabalhadores do mercado informal com seus produtos, dirigindo-se à zona de comércio informal em vários locais da cidade.

À noite, o movimento é grande em algumas áreas do bairro. Ouve-se o barulho

das motocicletas, dos carros, dos consumidores que se deslocam de outras áreas da cidade para o comércio de entorpecentes. Os moradores sabem desse comércio existente no local, mas o silêncio é reinante e ninguém nunca testemunha nada. Essas são estratégias de sobrevivência dos espaços de segregação e exclusão.

Ao observarmos o grupo escolhido por nós, elencamos como aspectos significativos as relações de trabalho e não trabalho, infraestrutura e habitação, formas de sociabilidade e família para centrar as nossas análises.

Como já referido anteriormente, esse é um bairro “celeiro de trabalhadores, desempregados e não trabalhadores” que, além de todas as características aqui anunciadas, apresenta, ainda, baixa escolaridade dos moradores, baixos salários e péssimas condições de vida e de trabalho.

Embora o bairro até ofereça uma rede institucional (escolas, creches, posto de saúde etc.) razoável, as condições de moradia, principalmente nos espaços favelados, são precárias. Encontramos construções antigas, pequenas, mal conservadas e superlotadas, sendo que, em alguns casos, não existe condição básica de moradia.

Como forma de sobrevivência, nas condições desfavoráveis em que se encontram, os moradores estabelecem relações de parentesco, vizinhança, casamentos e famílias distintas do ideário dominante, resgatando e adaptando, muitas vezes, formas de sociabilidade tradicionais para atender às necessidades e às condições existentes.

O modelo de família conjugal-nuclear, apesar de ainda ser predominante em estatísticas gerais, no caso brasileiro, tem a proporção de 60% para famílias chefiadas pelos pais e 40% para famílias chefiadas por mulheres e parentela materna, de acordo com estatísticas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), revelando-nos uma significativa modificação desse modelo.

Em espaços periféricos como esse, há uma “rotatividade” nos casamentos e relações

conjugais, com a ausência dos homens nas famílias, sejam como maridos ou como pais. Deparamo-nos com inúmeras famílias baseadas no parentesco materno. Jovens mães abandonadas pelos parceiros em decorrência de separações, divórcios ou abandono dos homens – maridos ou pais –, sendo elas acolhidas de forma mais ou menos hostil pelos familiares.

Assim, essas mulheres-mães são responsáveis pela manutenção do grupo familiar e integram o mercado de trabalho, formal ou informal, da maneira que conseguem, a fim de cuidar de si e dos filhos. Contam, muitas vezes, com a colaboração dos próprios pais, que acolhem a filha e os netos separados ou abandonados pelos homens, os quais vão, reiteradamente, constituindo novos núcleos familiares que, por vezes, vão deixando pelo caminho, como uma trilha de casamentos, separações, filhos e abandonos, sob a responsabilidade de esposas, mães e parentela materna.

Torna-se comum essa prática irresponsável dos homens, que, em muitos casos, quando integram as famílias, acabam por fazer uso de álcool e drogas ou participar de tráfico, bem como promover relações de violência doméstica.

Também tem aumentado a presença das mulheres na atividade e no gerenciamento do tráfico, tendo em vista que os homens acabam por morrer precocemente ou vão presos, levando as mulheres a assumir suas atividades e funções junto à ilegalidade e ao tráfico.

Não queremos esquecer ou menosprezar os homens trabalhadores e responsáveis pelo núcleo familiar, porém cabe-nos ressaltar a emergência de tais práticas nos universos empobrecidos e segregados.

Além da inserção ampliada no mercado de trabalho e em atividades paralelas a ele, a reorganização dos agregados familiares conta com pequenos benefícios sociais regulamentados pelo Estado, os quais colaboram timidamente para a sobrevivência do grupo.

Constituem, então, um (re) arranjo ou

novo arranjo nas relações com a vizinhança e a comunidade. As inúmeras famílias centradas na parentela feminina aglutinam-se e reorganizam-se entre famílias ligadas pelo parentesco ampliado, pela proximidade, pela vizinhança, e reorganizam sua dinâmica de funcionamento, seus papéis e suas relações diante do novo quadro de suas vidas.

É comum que uma das mulheres da casa cuide da esfera doméstico-reprodutiva enquanto a(s) outra(s) ocupam seu lugar no espaço produtivo e possibilitam o sustento da família. Também é recorrente uma das mulheres cuidar das crianças de mais de uma família enquanto as outras mães trabalham fora. Vizinhança e familiares solidarizam-se na ajuda mútua, principalmente em situações graves e de risco. Acabam por reestruturar papéis e relações, a fim de se manterem em condições mínimas de vida.

Além das tarefas referentes à reestruturação das famílias novas e distintas, as mulheres, movidas pela forte religiosidade, envolvem-se nas tarefas e atividades variadas na igreja e na comunidade, com o objetivo de buscar alternativas para uma vida melhor. A religiosidade e as comunidades religiosas são marcantes na vida dessas mulheres e acabam por se constituírem como espaços de trabalho, solidariedade e lazer do grupo em questão.

Assim, as figuras femininas, nos espaços de segregação e exclusão, representam as figuras centrais, em todos os níveis, o que contraria o ideário feminino e de família burgueses ao longo da história.

As mulheres, embora relegadas ao silêncio patriarcal e machista, pela brutalidade dos sistemas e dos homens, ao longo dos séculos, jamais se renderam. Apropriando-se da nossa herança de atuação e resistência, ocupam papéis e espaços sociais para além da discriminação e da ideologia.

Injustiçadas pelo sistema, pela vida e pelos homens em suas relações violentas sistêmicas e individuais, elas movem o cenário social de forma marcante, sem sequer perceberem isso.

Embora sejam as protagonistas do *script* real, quando se encontram casadas, em muitos casos, agem de maneira subalterna, submetida às vontades, às opiniões e às atitudes masculinas. Convivem e aceitam, em proporção relevante, a prática machista, desde as mais amenas às mais violentas, física e psicologicamente.

O argumento machista da dominação dos homens sob as mulheres, apesar da prática feminina contrária, persiste em parte delas, o que mantém o patriarcado e o machismo em suas inúmeras metamorfoses.

Parcela considerável ainda procura, no nível do ideário social, o homem e marido provedor, cuidador, companheiro, pai, que, na maioria das vezes, não existe. Elas negam, em suas práticas sociais, a lógica patriarcal imposta, porém a reafirmam do ponto de vista ideológico. Diferentemente dos homens que abandonam mulheres, casas, filhos e empregos ao longo do caminho, as mulheres assumem os filhos, a família, o trabalho, mas ainda mantêm os valores ideológicos machistas em muitas de suas práticas.

Para além do patriarcado, dos (re)arranjos familiares e conjugais, a sociabilidade das ruas também é um traço presente no cotidiano desse bairro.

O cotidiano também se vivencia no espaço das ruas, seja pela diminuição do espaço ou pela sobrelotação nas habitações, seja pela negligência e pelo abandono, notando-se relações expostas, visíveis no âmbito das ruas.

Brincadeiras, jogos entre crianças, relações amigáveis e não amigáveis entre parentes e amigos, na escola, no bairro, brigas entre casais, adultos, crianças e adultos, tumulto, enfim a vida e as relações se estabelecem, em parte, no espaço público, nas ruas.

Outros ainda vivem nas ruas por negligência, fuga ou abandono, (re) agrupam-se e (re) criam laços de amizade e familiares perdidos ou sequer vividos no grupo formado nas ruas e, assim, coabitam e convivem a partir desses novos laços.

Esses agrupamentos não são muito

comuns no nosso local de análise, mas formam-se em espaços como o bairro que estudamos e, de forma mais recorrente, encontramos grupos de jovens, mulheres, crianças, idosos, entre outros, que estabelecem entre si laços de identidade, religiosos, de amizade, colaboração e rivalidade, os quais delinham distintas relações dentro do espaço estudado.

Os moradores do bairro Ipiranga sobrevivem nesse espaço de segregação e exclusão, criando e recriando formas de trabalho, agregados familiares, articulando modos de vida e sociabilidade distintos do ideário capitalista.

No caso do bairro do Lagarteiro, utilizamos o mesmo modelo de análise. Ao observarmos o grupo escolhido por nós em Portugal, elencamos como aspectos significativos, as relações de trabalho e não trabalho, infraestrutura e habitação, formas de sociabilidade e de família para centrar as nossas análises.

De modo semelhante ao bairro anterior, o Lagarteiro é um espaço de trabalhadores, desempregados e não trabalhadores que estão, em parte, envolvidos com atividades ilegais e com o tráfico de drogas.

A quase totalidade dos que trabalham, pela baixa qualificação profissional, desempenham ocupações mal remuneradas. Há muita recorrência de desemprego e não é incomum que famílias inteiras vivam de benefícios sociais por longos períodos.

É possível encontrarmos, no estacionamento dos automóveis, carrinhas comercializando produtos mais baratos para aquela população e, assim como com o tráfico de drogas, todos sabem que existe, já que são inúmeras as famílias que têm integrantes com esse tipo de atividade e problema, mas afirmam sempre não saber de nada. O silêncio se faz como parte das estratégias de sobrevivência naquele espaço.

Contrariamente ao bairro Ipiranga, o transporte é deficitário, o que dificulta a frequência à escola para adultos e jovens, o acesso aos infantários mais afastados e

aos trabalhadores e moradores em geral.

A escolaridade baixa, unida ao trabalho e aos salários insuficientes, contribui para piorar as condições de vida no bairro, que, apesar de oferecer uma rede institucional razoável, em pouco colabora para a melhoria das condições de vida precárias da população.

Encontramos também construções antigas, pequenas, mal conservadas e superlotadas, que, em alguns casos, não ofereciam condições básicas de moradia.

Isso faz com que a população saia para a rua, organize-se e reorganize-se em grupos por afinidade, identificação, religiosidade, solidariedade, atividades desempenhadas, idade, enfim, o que não pode ser vivido nas casas e nas famílias é reestabelecido no espaço das ruas.

O uso e o tráfico de drogas são comuns acontecer, pois grupos de jovens unidos por idade, identidade e aceitação acabam por agir de maneira gregária. Muitos optam por fumar, beber e usar drogas como traço identitário, o que pode levá-los à desestruturação individual e familiar.

Uma vez usuários, a passagem para drogas pesadas e para o tráfico como forma de manutenção do vício ou renda é um curto trajeto e provoca consequências arrasadoras e recorrentes nas famílias e no bairro. Desse modo, como forma de sobrevivência nas condições desfavoráveis em que se encontram, além da sociabilidade nas ruas, estabelecem relações de parentesco, vizinhança, casamentos e famílias distintas do ideário dominante, resgatando e articulando, muitas vezes, formas de sociabilidade tradicionais para atender às novas necessidades e às condições do grupo.

Percebemos, no caso português, o modelo de família conjugal-nuclear, embora ainda pareça predominante em estatísticas gerais a proporção de 30,1% de famílias conjugais e de 27% de famílias chefiadas por mulheres, acentuadamente pela parentela materna, o que representa uma grande mudança na organização familiar. Também encontramos lares de idosos e famílias múltiplas, em que, em

muitos casos, predomina a figura feminina, o que coloca em questão o modelo conjugal-nuclear.

No bairro do Lagarteiro, há uma composição de casamentos e relações conjugais com a ausência pronunciada dos homens junto às famílias, sejam como maridos ou como pais. Deparamo-nos com inúmeras famílias com relações baseadas no parentesco materno. Jovens mães abandonadas pelos parceiros e acolhidas de forma mais ou menos hostil pelos familiares, em decorrência de separações, divórcios, situação ilegal ou simplesmente abandono dos homens. Bastante semelhante ao bairro Ipiranga, no Brasil.

Assim, as mulheres e responsáveis pela manutenção do grupo familiar, integram o mercado de trabalho, formal ou informal ou recorrem aos benefícios sociais, a fim de cuidarem de si e dos filhos. Contam, para tal, com a colaboração dos próprios pais, que acolhem a filha – normalmente com hostilidade, principalmente por parte do pai – e os netos separados ou abandonados pelos homens, os quais, em muitos casos, constituem novos casamentos ou núcleos familiares.

Por vezes, esses mesmos homens, assim como os homens brasileiros observados, repetem a prática anterior em suas novas relações conjugais e familiares e vão deixando pelo caminho famílias inteiras sob a responsabilidade das esposas, mães e parentela materna.

Torna-se comum e recorrente essa prática masculina e, em muitos casos, quando esses homens integram as famílias, acabam por fazer uso de álcool, drogas ou tráfico, bem como promover relações de violência doméstica. Cabe evidenciar que existem homens trabalhadores e responsáveis no núcleo familiar. No entanto, não se pode deixar de ressaltar a emergência dessas práticas em locais como esse.

Faz-se muito comum, e de reiteradas formas, a recorrência a benefícios sociais como escape para as situações de desemprego e sobrevivência do grupo familiar frente à sua desestruturação e à reorganização em diferentes

formatos.

Constitui-se, então, um (re) arranjo ou novo arranjo nas relações familiares junto à vizinhança e à comunidade. As inúmeras famílias centradas na parentela feminina, assim como as famílias brasileiras, aglutinam-se e reorganizam-se entre famílias ligadas pelo parentesco ampliado, pela proximidade, pela vizinhança e reorganizam sua dinâmica de funcionamento, seus papéis e suas relações.

É comum que uma das mulheres da casa cuide da esfera doméstico-reprodutiva (normalmente a avó), enquanto a(s) outra(s) ocupam seu lugar no espaço produtivo e possibilitam o sustento da família; isso quando não permanecem um longo período desempregadas e dependentes dos benefícios.

A vizinhança e os familiares solidarizam-se na ajuda mútua, principalmente em situações graves e de risco. Acabam por reestruturar papéis e relações, a fim de se manterem em condições mínimas de vida. Moram amontoados numa só casa para não ficarem ao relento, ajudam-se com o pouco que possuem, enfim, colaboram entre si para amenizar a pobreza.

A religiosidade fortemente marcada no grupo feminino acaba por constituir-se num traço de apoio para que mulheres e famílias inteiras, inclusive muitas delas unipessoais e de idosos, suportem as dificuldades do cotidiano.

Muito diferente do Brasil, encontramos casos em que algumas mães maltratam as filhas adolescentes grávidas por não estarem casadas, descumprindo, assim, as regras de Deus, o que torna a gravidez e a maternidade, com todas as dificuldades que as caracterizam, um grande sofrimento para essas jovens abandonadas. Essas mães recebem as filhas e os netos, mas julgam, sacrificam e humilham essas adolescentes, o que reproduz o ideário religioso patriarcal cristão e muito machista, apesar de essas práticas serem estabelecidas entre as próprias mulheres.

Também encontramos esse tipo de comportamento em famílias compostas sem maridos e pais, em que as mulheres são

responsáveis absolutas pelo funcionamento e sustento da casa. Famílias cuja dinâmica gira em torno das figuras masculinas, mesmo com homens ausentes.

De maneira impressionante, os valores ideológicos patriarcais e machistas reinam, principalmente na cabeça e na atitude de várias mulheres, que, ao invés de buscarem alternativas de independência, vivem cada vez mais em função do modo de viver dos maridos ausentes. Elas acabam por aceitar a posição de relegadas ao anonimato e à subordinação patriarcal e machista. Injustiçadas pelo sistema, pela vida e pelos homens, em suas relações violentas subjetivas e sistêmicas, movimentam-se de forma marcante no cenário social, mas, sem sequer perceber isso, deixam os aplausos aos maridos ausentes.

Ainda procuram, no nível do ideário social, o homem – marido, pai e provedor –, que, na maioria das vezes, não passa de um desejo. Contrariamente, em suas práticas sociais, negam a lógica patriarcal da fragilidade, da dependência, do romantismo, da não ação, embora ainda não sejam capazes de perceberem disso.

Oprimidas pelo sistema, por suas ideologias, pela vida e pelos homens, as mulheres assumem as famílias com todos os encargos contraídos, trabalham dentro e fora de casa e não têm tempo para demonstrarem fragilidade. Ainda assim, em muitos casos, elas acabam por se perceberem menores, acreditando na ideologia patriarcal machista que as oprime. As figuras femininas nos espaços de segregação e exclusão representam as figuras centrais em todos os níveis, o que contraria o ideário feminino e de família burgueses e machistas. Fato não percebido pelas mulheres.

Juntamente aos (re) arranjos nas relações, ao modo de vida e às famílias, podemos nos deparar com a sociabilidade das ruas. Não fortemente marcada, mas bastante presente no cotidiano do bairro.

Pelos mesmos motivos que isso acontece no bairro brasileiro (diminuição do espaço ou

sobrelotação das habitações, negligência e abandono, relações expostas, por vezes visíveis no âmbito das ruas), as pessoas ou grupos acabam por reestruturar laços de amizade e familiares, que foram perdidos ou sequer vivenciados nas próprias famílias ou demais esferas.

Aglutinados por identificação, necessidade de aceitação, de pertencimento ao grupo, por solidariedade e sobrevivência, as pessoas acabam por estabelecer laços diversos e específicos de solidariedade nas ruas, como forma de vida no espaço do qual pertencem.

Temos, então, a recomposição, arranjos e (re) arranjos entre famílias, entre modos de vida capitalista e tradicional e diferentes formas de sociabilidade entre os sujeitos nesses espaços de segregação e exclusão.

Em termos gerais, podemos afirmar que tanto as famílias portuguesas quanto as brasileiras aqui abordadas fazem parte da classe trabalhadora, baixo nível de escolaridade, ancoram-se na presença e na gerência familiar da mãe e seus familiares, mesmo quando o pai está presente, uma vez que a presença e a importância dos pais são muito menores do que das mães, nos poucos casos em que ele se encontra.

Temos como comportamento comum mulheres jovens, mães solteiras abandonadas pelos homens e apoiadas (quando isso acontece e de maneira mais ou menos hostil) pela família materna.

A vivência familiar, em ambos os grupos, é repleta de precariedade de todas as ordens e as moradias são sempre repletas e insuficientes para as necessidades do grupo familiar.

Encontramos a vinculação dessas famílias a atividades formais e não formais no mercado de trabalho, bem como a atividades ilegais, ao tráfico de drogas, ao vício (alcoolismo e uso de entorpecentes) e à violência doméstica.

De uma maneira impressionante e intrigante, em vários casos, encontramos as mulheres vivendo em função de homens que sequer vivem com elas. Envolvidos com atividades ilegais, condenados ou simplesmente

ausentes, ainda permanecem na posição central do ambiente familiar, que se move em torno da figura deles, apesar de serem as mulheres que cuidam e sustentam, em todos os níveis, toda a família. São mulheres completamente independentes do ponto de vista financeiro, mas totalmente subservientes afetiva e ideologicamente às figuras dos homens.

Em contrapartida, de modo mais incidente no Brasil, encontramos mulheres que se rearticulam a outras mulheres, estabelecendo entre si e o grupo familiar ampliado, a vizinhança e comunidade, ou seja, uma relação de colaboração mútua para sustento e sobrevivência do grupo, o que nos levou a perceber uma reestruturação das formas de sociabilidade capitalista que inclui resgate e rearticulação de práticas de vida características da sociabilidade tradicional, bem como a vivência da sociabilidade das ruas.

No Brasil, não há muitos benefícios sociais, ou ao menos não na mesma proporção que em Portugal. Trabalhadores e desempregados dispõem de poucos recursos e benefícios sociais, o que os leva, recorrentemente, a atividades não formais no mercado de trabalho ou a atividades ilegais para garantir a sobrevivência do grupo familiar, conforme declaram em seus depoimentos e nos mostram em suas práticas sociais.

Já no caso português, os benefícios são em

quantidade e extensão maiores, o que permite, em alguns casos, famílias inteiras viverem em função desses rendimentos por períodos prolongados.

No Brasil, não há segregação de grupos por raça, etnia, nacionalidade etc (como acontece com ciganos, negros, árabes, latinos em toda a Europa). Na organização dos espaços sociais em Portugal, especificamente no espaço estudado, percebemos essa prática com relação aos ciganos.

No caso brasileiro, diferentemente do caso português, há a “linha da miséria”, o que faz com que um maior número de pessoas viva em condições pioradas. Guardando-se as diferentes proporções populacionais e extensão territorial, para grupos do mesmo segmento social, as condições de vida, as dificuldades e as características são muito próximas, uma vez que o capitalismo cria a dinâmica das classes sob a exploração do trabalho social e a acumulação privada da produção, levando ao empobrecimento, à violência, ao vício e a atividades ilegais dos grupos excluídos da acumulação de capital.

Embora cada espaço constitua a sua dinâmica, em maior ou menor extensão e densidade, o empobrecimento, a segregação e a exclusão de um determinado grupo ou espaço social compõem tanto integrados como menos integrados ao capitalismo, uma vez que essa é a sua dinâmica de funcionamento e existência.

Referências

BOURDIEU, P. **A miséria do mundo**. São Paulo: Brasiliense, 1997.

FANON, F. **Os condenados da terra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

KURZ, R. **O colapso da modernização**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

PAULA, S. L. **Sinalizando para contradições e conflitos entre alunos e professores no CEMEI Virgílio Salata, Araraquara**. 1994. 164f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho, Araraquara, 1994.

Submetido em 4 de julho de 2011.

Aprovado em 12 de janeiro de 2012.